

**ARTIGO ORIGINAL**

**O DIA NO SEQUESTRO ENTRE RIO E NITERÓI: UMA PONTE PARA O ESTUDO DAS CONSTRUÇÕES NARRATIVAS NO WEBJORNALISMO POPULAR**

**ORIGINAL ARTICLE**

**O DIA ON THE KIDNAPPING BETWEEN RIO AND NITERÓI: A BRIDGE TO THE STUDY OF NARRATIVE CONSTRUCTIONS IN POPULAR WEB JOURNALISM**

**Daniel Nunes de Oliveira Malafaia<sup>1</sup>**

**Soraya Venegas Ferreira<sup>2</sup>**

Universidade Estácio de Sá – Campus Niterói, RJ

**RESUMO<sup>3</sup>**

O presente artigo registra os primeiros passos de uma pesquisa que aponta para um empreendimento maior, a saber, uma reflexão sobre o jornalismo popular na contemporaneidade. Considerando a *web* um *locus* central para nossa abordagem, tomamos como objeto o site do jornal *O Dia*, produto digital do periódico carioca que, desde a fundação, autointitula-se “popular”, pois se dirige às chamadas classes C e D, caracterizadas por um menor poder aquisitivo se comparadas ao público dos jornais de grande circulação. Nosso intuito é entender como *O Dia* utiliza os recursos da *web* na operacionalização de estratégias narrativas convencionais do jornalismo popular, especialmente quanto a uma temática privilegiada por este segmento, que é o noticiário policial. Por isso, escolhemos as cinco primeiras publicações sobre o sequestro do ônibus 2520, ocorrido em 2019, na Ponte Rio-Niterói, e que teve como desfecho a atuação de atiradores de elite na morte do sequestrador, comemorada pelo governador Wilson Witzel, ao aterrissar de helicóptero no local. Nesse cenário, privilegiamos a lógica a partir da qual as ações das personagens são encadeadas na narrativa. Portanto, nos valem de alguns princípios propostos por Luiz Gonzaga Motta (2013), em sua obra *Análise Crítica da Narrativa*. Marcada pelo uso intenso da hipertextualidade e da multimídia, a cobertura aponta para: a persistência de um antigo objetivo, que é o de se fazer próximo ao mundo do leitor; e a intenção de viabilizar ao leitor uma experiência sensível, quando em contato com relatos dramáticos e personalizados.

**Palavras-chave:** Construção Narrativa. Jornalismo popular. Webjornalismo. Jornal *O Dia*. Sequestro na Ponte Rio-Niterói.

**ABSTRACT**

This article records the first steps of a research that points to a greater undertaking, namely, a reflection on popular journalism in contemporary times. Considering the web as a central locus for our approach, we took as object the website of the newspaper *O Dia*, a digital product of a Rio de Janeiro's newspaper that, since its foundation, calls itself as "popular", as it addresses the so-called C and D classes, characterized by a lower purchasing power compared to the public of large circulation newspapers. Our aim is to understand how *O Dia* uses web resources in the operationalization of conventional narrative strategies of popular journalism, especially regarding a theme privileged by this segment, which is police news. For this reason, we chose the first five publications on the kidnapping of the 2520 bus, which occurred in 2019, at the Rio-Niterói Bridge, which resulted in the performance

<sup>1</sup>Jornalista graduado pela Universidade Estácio de Sá. E-mail: danielmalafaia777@gmail.com.

<sup>2</sup>Jornalista, Mestre e Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ, com Pós-Doutorado em Teorias do Jornalismo pelo PPGCom-UFF, Coordenadora de Jornalismo do Campus Niterói da Universidade Estácio de Sá. E-mail: sosovenegas@yahoo.com.br.

<sup>3</sup>Versão anterior deste artigo foi apresentada no 10º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor), organizado pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e realizado remotamente entre os dias 3 e 6 de novembro de 2020. Pesquisa contemplada com bolsa docente pelo Programa Pesquisa e Produtividade da UNESA.

of sharpshooters in the murder of the kidnapper, commemorated by Governor Wilson Witzel, when he landed in helicopter on site. In this scenario, we privilege the logic from which the characters' actions are linked in the narrative. Therefore, we use some principles proposed by Luiz Gonzaga Motta (2013), in his work *Análise Crítica da Narrativa*. Marked by the intense use of hypertextuality and multimedia, the coverage points to: the persistence of an old objective, which is to be close to the reader's world; and the intention to provide the reader with a sensitive experience, when in contact with dramatic and personalized stories.

**Keywords:** Narrative Construction. Popular Journalism. Webjournalism. Newspaper *O Dia*. Kidnapping on the Rio-Niterói bridge.

## 1 INTRODUÇÃO

Embora o propósito deste texto não seja relatar uma experiência de trabalho, mas compartilhar os primeiros resultados de um projeto que nasce ainda em 2020, julgamos lícito e, por que não, oportuno, deixar registrada uma constatação, que talvez não se justifique no tratamento dos dados, mas, sim, na postura de cautela que assumimos frente ao objeto analisado e ao fenômeno que nele se expressa, o jornalismo popular.

Este segmento, que vemos espalhado por entre estudos dedicados, em maior ou menor escala, à história do jornalismo e da imprensa no Brasil, é confrontado por diferentes abordagens, e dissecado por seus instrumentos analíticos, ao ritmo de movimentos que mais atestam a complexidade do fenômeno em questão – e das articulações sociais, econômicas, culturais e, claro, históricas, que lhe são constitutivas – do que a distinção de suas propriedades.

Na apreciação desses empreendimentos, constata-se, então, que a busca pela complexidade dos processos, que, em boa parte, sobrepujam as fronteiras do próprio campo jornalístico, corresponde a um esforço que se quer proporcional à amplitude dos efeitos e, acima de tudo, à “longa vida” dos jornais autointitulados “populares”, disponíveis nas bancas há mais de meio século, e na internet há pelo menos 20 anos. Podemos destacar que a motivação para esses esforços se traduz em perplexidade, o que fica evidente com a indagação de Antonio A. Serra em *O Desvio Nosso de Cada Dia* (1986), sobre o sucesso editorial de seu objeto, o jornal carioca *O Dia*:

[...] como se pode, ao longo dos anos, todo dia, imprimir e vender, fazer ler e pesar publicamente um texto que escamoteia as verdades essenciais e acidentais das pessoas que o compram? [...] sendo os únicos textos que se dirigem a elas, que falam da sua vida, que cotejam seus valores e atitudes. E continuar vivo e atuante” (SERRA, 1986, p.15).

O trabalho que apresenta esta indagação é uma adaptação da dissertação defendida por Serra, em 1977, para a conclusão do curso de mestrado da Escola de Comunicação da UFRJ, após dois anos analisando as páginas d' *O Dia* coletadas ao longo de 1975, quando as manchetes e as temáticas do noticiário ainda se conformavam à fórmula “cadáver, macumba e sexo”, o que não foi uma exclusividade do periódico, mas coincidiu com a época de maior circulação em sua história. Com o passar dos anos, as capas que, como qualifica Márcia Franz Amaral (2006), escancaravam de forma dramática e sensacional eventos caracterizados pelo excesso, como tragédias e atrocidades, deram lugar a uma linguagem menos apelativa, mais ponderada, como parte de uma estratégia de adaptação aos padrões de consumo que se impunham com a virada do milênio.

Mesmo assim, o jornal manteve sua orientação às classes de menor poder aquisitivo e menor grau de escolaridade, as chamadas classes C e D, nutrindo as edições com imagens do universo popular carioca, cujos elementos culturais agenciados nas narrativas são os dramas da experiência urbana, sobretudo os relacionados à violência. É nesse sentido que a perplexidade de Serra não nos é estranha, pois, atualmente, crimes e investigações policiais ainda ocupam posição privilegiada no conteúdo diário produzido pelo *O Dia*, não mais restrito à periodicidade de distribuição nas bancas, mas expandido aos circuitos comunicacionais das mídias digitais, que aglutinam diversas formas de participação dos leitores.

Assim, o leitor implicado nas páginas, cujos interesses e personalidade eram somente deduzíveis com base nas materialidades discursivas e em suas entrelinhas – como vemos em *O desvio nosso de cada dia: representação do cotidiano num jornal popular* (1986), de Antonio A. Serra, *Espreme que sai sangue* (1995), de Danilo Sobrinho Angrimani, *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular* (1996), de Ana Rosa Ferreira Dias, e mesmo no tão citado *Jornalismo popular* (2006), de Márcia Franz Amaral – hoje se manifesta em diversos ambientes, de múltiplas formas.

Esse cenário é providencial, pois nos oferece a oportunidade de submeter à análise os modos de interação e níveis de proximidade que o público mantém com

os jornais, bem como os processos de construção narrativa que se operam nesse entremeio, fruto do encontro entre o leitor ativo e o leitor ideal que é inscrito nos textos; leitor este que, tradicionalmente, é seduzido por uma imagem familiar da realidade, o que produz, segundo Amaral (2006), um sentimento de pertencimento, compartilhado pelo reconhecimento de uma suposta vinculação do jornal à sua vida cotidiana.

Com isso, optamos por investigar como o jornal *O Dia* operacionaliza os recursos do webjornalismo em seu site de notícias, para a narração de um acontecimento que teve ampla repercussão na esfera pública e que, a despeito do interesse geral para o campo jornalístico, adquiriu contornos específicos no jornalismo popular: o sequestro do ônibus 2520, que ocorreu em agosto de 2019, na Ponte Rio-Niterói. Trata-se do único caminho terrestre que liga as duas cidades, recebendo, diariamente, um volume robusto de pessoas que residem longe do trabalho e precisam atravessar os mais de 13 km que separam Niterói do Rio de Janeiro. Na ocasião do sequestro, além do fluxo ter sido interditado nos dois sentidos por mais de 3 horas, o que, por si só, já carrega um valor noticioso em função do descompasso provocado na rotina das cidades em questão, grandes centros urbanos, uma sequência de cenas consagraram a singularidade daquele momento, como, por exemplo, as ameaças hesitantes do sequestrador, um rapaz de 20 anos, e sua morte, provocada por disparos de um atirador de elite, cujo feito foi comemorado por grande parte da multidão presente e pelo então governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, que aterrissou de helicóptero e correu em direção aos policiais, pulando e erguendo os braços, numa eufórica celebração que foi estampada por diversos veículos nacionais e internacionais.

Das 51 publicações da cobertura, elencamos cinco que, não por acaso, apontam para um uso mais intenso dos recursos dispostos pela *web*, como a hipertextualidade e a multimídia (CANAVILHAS et al., 2014). Sobre as cinco matérias escolhidas, que se destacam na cobertura por focalizar o acontecimento a partir das perspectivas dos que estavam no local e presenciaram o incidente do início ao “fim”, empreendemos uma análise que se assenta em alguns movimentos metodológicos elaborados por Luiz Gonzaga Motta, em sua obra *Análise Crítica da Narrativa* (2013), a fim de recompor as publicações, ordenadas cronologicamente,

em uma totalidade significativa, um acontecimento-intriga, por assim dizer, dotado de uma lógica própria, que relaciona personagens entre si, enredados numa trama de ações e funções.

## **2 NOTAS SOBRE A NARRATIVA JORNALÍSTICA POPULAR**

A noção de narrativa jornalística aplicada no presente trabalho parte das contribuições do pesquisador Luiz Gonzaga Motta, que, amparado nas ideias do filósofo Paul Ricoeur, compreende o jornalismo como uma atividade mimética (MOTTA, 2004). Não no sentido de uma pretensa cópia da realidade, mas de uma construção que, através da tessitura de uma intriga, ou, em outros termos, do agenciamento de fatos ou eventos em um todo narrativo, representa os acontecimentos num conjunto de ações e reações concatenadas por uma lógica actancial e ordenadas por uma lógica temporal, que estabelece um início, um meio e um fim (RICOEUR, 1994). As notícias, definidas por Motta como “fragmentos parciais de histórias” (MOTTA, 2004, p. 15) que são contadas e recontadas diariamente pelos jornais, só tem seu sentido completo no ato de recepção, o que, conseqüentemente, demanda um trabalho do leitor. Em contato com a intriga, configurada pelo jornalista, o leitor a reinterpreta, tecendo os laços de significação temporal com a articulação de passado, presente e futuro. Depreende-se, assim, neste alinhamento entre Ricoeur e Motta, que a atividade jornalística só se completa a partir da fusão entre os mundos do autor, da obra e do leitor, horizontes que se completam entre si. No jornalismo popular, como adiantado na introdução, o horizonte do leitor exerce grande influência nas construções narrativas dos noticiários.

Segundo Amaral (2006), a imprensa popular, de modo geral, tem como princípio estabelecer estreita relação com o universo cultural popular, que ela traduz se utilizando da metáfora matricial, trabalhada, principalmente, pelo antropólogo espanhol Jesús Martín-Barbero, e pelo sociólogo chileno Guillermo Sunkel, no campo da pesquisa em jornalismo. Navegando por entre as várias definições de “matriz”, o pesquisador Francisco Cruces Villalobos (2008) conclui que elas

partilham uma noção comum, e abstrata, que a entende como “uma coisa a partir da qual se dá forma, gerativamente, a outras” (VILLALOBOS, 2008, p. 176, tradução nossa). Esta proposição não prevê um entendimento da matriz como um modelo fixo, nem uno, mas intercambiável e mutável. Ou, nas palavras de Villalobos, como um “conjunto de elementos heterogêneos cuja identidade reside em sua distribuição, em um modo particular de despojar-se” (VILLALOBOS, 2008, p. 177, tradução nossa). A partir desta distribuição manifesta-se a diferença cultural, que, segundo o autor, não reside nas partes consideradas isoladamente, mas nas relações de organização através das quais se dispõem na matriz.

É considerando a diferença cultural perceptível na relação entre os modelos adotados pelos segmentos da imprensa brasileira, que Amaral (2006) propõe aplicar o conceito de matriz dramática para a compreensão do *modus operandi* dos jornais populares. Eles se distinguem dos chamados jornais de referência, voltados a um público que integra as classes segmentadas como A e B, e cujas práticas são norteadas pelos princípios éticos da profissão, embasados, sobretudo, nos ideais da verdade e da objetividade. Neste segmento, dá-se destaque aos acontecimentos do mundo público, aqueles considerados relevantes à vida da maioria da população, ao “interesse público”.

Por outro lado, os jornais populares se distanciam dos ideais do jornalismo tradicional na medida em que buscam se aproximar dos setores populares que, nas palavras de Amaral, “preferem determinado tipo de jornal não simplesmente porque são manipulados ou destituídos de bom gosto, mas porque sua história de exclusão social, econômica e cultural criou determinados gostos e estilos de vida diferentes” (AMARAL, 2006, p. 57). É das características culturais desses setores que a imprensa popular embebe seus produtos, engajados em informar o público sobre acontecimentos ligados ao seu cotidiano, mas também em entreter e produzir empatia.

Estes últimos eram também objetivos do romance folhetim, gênero literário que no século XIX passou a ocupar o rodapé dos jornais populares na Europa e na América Latina e que, nos dois eixos, foi responsável pela popularização massiva deste segmento na sociedade. Sua estrutura narrativa fazia uso do suspense e recebia grande influência da estética melodramática, caracterizada por disputas

maniqueístas entre bem e mal, entre heróis e vilões. Nela, as emoções e os valores morais têm grande importância, como se governassem o mundo narrado (SUNKEL apud AMARAL, 2006). Barbosa (2007) aponta que, mesmo após o desaparecimento do folhetim, essas características permaneceram nas páginas dos periódicos, com o deslizamento dessas características para o noticiário. Dessa forma, de acordo com Amaral (2006), a matriz que norteia a prática do jornalismo popular se consagra como “dramática” por definir suas prioridades temáticas a partir da valorização da personalidade e da subjetividade nas notícias, nas quais o indivíduo, suas preocupações e desejos ganham relevo, assim como nas ficções românticas do melodrama ou do folhetim.

Nesse sentido, Amaral (2006) reflete que o jornalismo popular extrapola os limites do próprio campo jornalístico, configurando uma instância na qual tão importante quanto o “fazer saber” e o “fazer crer” é o “fazer sentir”, que não se restringe à produção de sensações psíquicas e físicas, como pretende uma das acepções da noção de sensacionalismo, mas enseja ao público o sentimento de pertencimento social. Segundo a autora, o jornalismo popular é dramático não só pelas temáticas abordadas, mas pela forma como os acontecimentos são noticiados, sempre personalizados e descontextualizados. Em suma, Amaral (2006) postula que é combinando assuntos de valor jornalístico com temas destituídos deste, mas impregnados de recursos narrativos atraentes, que os jornais populares ressaltam a dimensão dramática das notícias.

### **3 JORNAL O DIA, POPULAR DAS BANCAS À WEB**

Considerado por Amaral (2006) como um marco na história da imprensa no Rio de Janeiro, por ter inspirado a difusão do segmento por todo o Brasil, o jornal *O Dia* é, até hoje, reconhecido por se posicionar como um veículo voltado às classes populares e isso não é fruto do acaso. Como descreve o pesquisador Marco Aurelio Reis, originalmente, o matutino carioca, fundado pelo político Antônio Chagas Freitas, era lido por “aposentados do INSS, servidores públicos de setores

intermediários da administração e moradores em bairros suburbanos ou áreas periféricas, notadamente da Baixada Fluminense” (REIS, 2015, p. 14).

Como analisa Barbosa (2007), o início da década de 1950 foi um marco para o jornalismo popular, pois os responsáveis pelos veículos deste segmento começaram a utilizar seus espaços para explorar aspectos da vida carioca que possuíam um potencial apelo político, tais como a precariedade dos serviços públicos e das condições trabalhistas. Constitui-se, assim, a fórmula responsável pelo sucesso editorial do *O Dia*, que durante um longo período se manteve entre os jornais mais vendidos do Brasil.

Com um noticiário composto por casos policiais, reivindicações operárias e entretenimento, o jornal *O Dia* não se atinha a apreensão “fria” do real, filtrada pelos valores jornalísticos. Pelo contrário, conduzia seus relatos ao apelo emocional, às sensações, visando a propiciação de uma experiência estética do leitor com o extraordinário e com o excepcional, em suma, com o inesperado (BARBOSA, 2007). Segundo Serra (1986), as representações da população nas páginas do jornal *O Dia* eram caracterizadas, principalmente, pela impotência de sobreviver com meios próprios. O Estado, por sua vez, era retratado como única entidade capaz de solucionar os problemas da sociedade, portanto era uma entidade vista pela população marginalizada como “mitificada, longínqua e inatingível” (SERRA, 1986, p. 33). Representado como intermediário dotado da linguagem audível e compreensível tanto ao povo quanto ao Estado, o jornal se mantém como legítimo intermediário enquanto os problemas sociais das classes populares continuam existindo e o Estado se mantenha como detentor das soluções.

Serra, nos anos 1970, nos mostra que se impõe ao povo uma “exigência ética” que demanda confiança no intermediário, predicado atribuído, mormente, a trabalhadores, amedrontados pelos “marginais”, uma das únicas categorias representadas como providas de autonomia na sociedade. Com isso, para o autor, o jornal cria uma espécie de ilusão de que o leitor é “objeto de preocupações superiores”, ao passo em que busca, através do enquadramento dramático, que se expressa ora de forma trágica ora de forma cômica, “mediar o leitor com seu próprio mundo” (SERRA, 1986, p. 35), marcado pelo desvio, pela desordem.



O pesquisador Luiz Brandão (1997) narra que, em 1983, com a venda do jornal *O Dia* para o grupo ARCA, do jornalista e empresário Ary Carvalho, o cenário começou a mudar. Além de mudanças estruturais, o jornal empreendeu, no final da década de 1980, um reposicionamento de marca, buscando ser identificado como um “jornal popular moderno”, caracterizado pelo baixo preço, textos curtos e apelo visual. A partir do progressivo afastamento do noticiário policiaisco, o jornal pretendia oferecer um conteúdo que fosse interessante também às classes A e B, público-alvo dos “jornais de referência”, e à classe E, antiga prioridade de *O Dia* (BRANDÃO, 1997). Ao contrário do esperado, a reforma levou à queda na tiragem, avaliada por Amaral (2006) como resultado de uma tentativa de aproximação com um modelo distante da proposta original. Segundo a pesquisadora, essa estratégia fez com que *O Dia* perdesse leitores e abrisse o mercado para o jornal *Extra*, lançado em 1998 pelas Organizações Globo (AMARAL, 2006).

*O Dia* manteve-se no mercado apesar da concorrência e, em 2003, ainda em posse da família Carvalho, expandiu-se para a *web*, hospedando um site no portal *Universo Online* (UOL) até 2005, quando passou a publicar no *Portal Terra*, através de uma parceria editorial e comercial. (BRANDÃO, 1997). Em 2010, *O Dia* foi vendido para o grupo português *Ongoing*, à época acionista minoritário da Ejesa, que administra *O Dia* e *Meia Hora*, além do jornal *Brasil Econômico*. Em 2012, a corporação portuguesa comprou o portal *Internet Group* (iG), no qual tanto *O Dia* quanto o *Meia Hora* hospedam seus sites até a presente data desse artigo. Hoje, *O Dia* atua na *web*, mas também em redes sociais como *Facebook* e *Twitter*, que, segundo Diana dos Santos e Luiz Agner (2016), são os principais canais que os leitores utilizam para o acesso ao site.

De acordo com Marco Aurelio Reis e Claudia Thomé (2017), desde março de 2014, o jornal *O Dia* aderiu à sua lógica produtiva um sistema colaborativo via *Whatsapp*, por onde os leitores enviam “fotos, vídeos, áudios e informações” (REIS & THOMÉ, 2017, p. 104), em sua maioria conteúdo policial. Esse fato nos permite inferir a permanência de um traço do leitor de décadas passadas, analisado por Serra há pouco mais de 40 anos e, que, agora, colabora ativamente nos processos de produção, e cuja presença poderá ser percebida a seguir, com a análise da

construção narrativa do sequestro do ônibus 2520, no interior do qual os reféns, discretamente, tiraram fotografias da ação e divulgaram simultaneamente para as redes sociais e para o próprio jornal, que alimentou seu conteúdo não só com essas imagens, mas com *prints* de conversas entre as vítimas e seus familiares, além de outros arquivos, como vídeos e áudios.

#### 4 METODOLOGIA

Como previsto na introdução, nossa análise tem como suporte metodológico alguns movimentos propostos por Luiz Gonzaga Motta (2013) em sua *Análise Crítica da Narrativa*, com especial enfoque no chamado plano da estória, nível que contempla as funções das personagens, a causalidade de suas ações e o ordenamento lógico das sequências de eventos. Para acessar esse nível no jornalismo diário, o autor sugere dois grandes movimentos analíticos: primeiro, a decomposição das notícias concernentes a uma determinada cobertura; e, depois, sua recomposição em um acontecimento integral, determinando com exatidão e, claro, com certa arbitrariedade, um início, um meio e um fim. Nesse procedimento, a leitura é uma atividade fundamental, pois é através dela que se torna possível identificar na serialidade das notícias a sintaxe da estória, com seus entornos e encadeamentos. A serialidade, por sua vez, nos revela os episódios, que são unidades temáticas que, em seu conjunto, apresentam o fundo moral sobre o qual a intriga, ou as sequências de ações, é configurada.

Para esse empreendimento, as ferramentas de busca do próprio site foram vitais, já que, por intermédio das palavras-chave “sequestro”, “sequestrador”, “sniper”, “atirador” e “governador” – alusivas a invariantes referenciais que marcam a cobertura em toda sua extensão –, foi possível o levantamento de 51 publicações, que vão de 20 de agosto a 10 de setembro. Seguindo as trilhas deixadas pelos hiperlinks que conectam as publicações, selecionamos como nosso *corpus* as que compõem uma totalidade significativa, ou seja, que encaminham o leitor numa direção que é apontada pela recorrência dos hiperlinks, ferramenta que aparece em destaque nas cinco primeiras matérias da cobertura. Diferente do restante das publicações, cujo encadeamento lógico fica menos evidente na medida em que o sequestro em si fica, por diversas vezes, em segundo plano e que a narração se

dispersa por diferentes épocas e lugares, o *corpus* focaliza o acontecimento dos pontos de vista daqueles que estavam no local e presenciaram os eventos narrados.

Portanto, só esse primeiro empreendimento já demandou não só o movimento de decomposição, para a identificação do enredo, ou do acontecimento-intriga, em torno do qual se desenrola o restante dos episódios que levam adiante a cobertura, como também nos exigiu a aplicação das categorias analíticas particulares ao webjornalismo, etapa fundamental para a formulação de considerações iniciais acerca dos modos de construção narrativa no jornalismo praticado nos ambientes digitais.

## **5 O SEQUESTRO DO ÔNIBUS 2520 NARRADO NO SITE DO JORNAL O DIA**

O fato que motiva o nosso estudo da narrativa no website do Jornal O Dia poderia ser assim resumido: na manhã de terça-feira, 20 de agosto de 2019, o sequestro de um ônibus alterou a rotina dos que precisavam atravessar a ponte Rio-Niterói e atraiu a atenção do público e da mídia. O jornal *O Dia* acompanhou os desdobramentos do caso mobilizando também seu site. Os veículos que seguiam viagem pela ponte em direção ao Rio de Janeiro foram parados por uma ação policial que visava conter a investida de um jovem de 20 anos, identificado como Willian Augusto da Silva, que sequestrou o ônibus 2520, da empresa Galo Branco. Após três horas e meia de ameaças e negociações, o sequestrador saía do veículo, quando foi surpreendido por seis tiros disparados por atiradores de elite do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope). A ação foi comemorada pelos presentes e pelo governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, que, na sequência do desfecho, aterrissou de helicóptero no local e correu em direção aos agentes do Bope e jornalistas de veículos de mídia.

Com o objetivo de analisar como o site utiliza os recursos da *web* para operacionalização de estratégias narrativas historicamente comuns à prática do jornalismo popular, examinamos a presença de cada uma das características do webjornalismo ao longo da cobertura, dentre as quais destacamos o predomínio da hipertextualidade e da multimídia. A primeira, de acordo com o pesquisador

português João Canavilhas (2014), aproxima-se conceitualmente da origem etimológica da palavra “texto”, na qual subjaz a noção de um entrelaçamento de palavras e frases organizadas sob um conjunto de regras. No webjornalismo, “o texto transforma-se numa tessitura informativa formada por um conjunto de blocos informativos ligados através de hiperligações (links), ou seja, num hipertexto.” (CANAVILHAS et al. 2014, p. 4)

Dentre as 51 publicações, 26 aparecem associadas via hiperligações, configurando diversos hipertextos. Porém, dentre as 17 matérias que utilizam o recurso da hipertextualidade, as que estão conectadas, direta ou indiretamente, ao maior número de links, são as que abrem a cobertura, elencadas a seguir:

**Quadro 1:** Matérias analisadas, organizadas cronologicamente

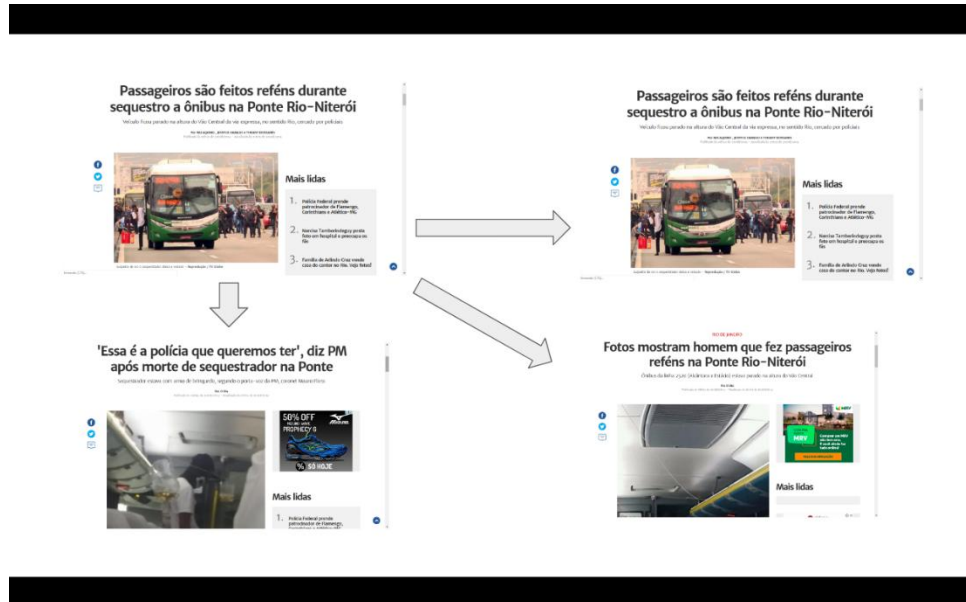
Título	Data e hora da publicação	Número de links	Número de vezes em que aparece linkada
(1) “Passageiros são feitos reféns durante sequestro a ônibus na Ponte Rio-Niterói”	20.08 - 06h23	6	14
(2) “Fotos mostram homem que fez passageiros reféns na Ponte Rio-Niterói”	20.08 - 08h35	1	5
(3) “Vídeo mostra sequestrador sendo atingido por atirador de elite na Ponte Rio-Niterói”	20.08 - 09h04	6	9
(4) “‘Essa é a polícia que queremos ter’, diz PM após morte de sequestrador na Ponte”	20.08 - 09h39	2	3
(5) “Vídeo: Witzel chega de helicóptero e comemora ação do Bope na Ponte Rio-Niterói”	20.08 - 10h09	3	4

**Fonte:** Elaboração própria com base no website do Jornal *O Dia*, em 2020

Ressaltamos as conexões estabelecidas “indiretamente” porque mesmo a matéria 4, conectada a apenas três publicações, é posta em destaque ao fazer parte das hiperligações utilizadas na matéria 1, conectada ao maior número de publicações. Assim, percebemos uma dinâmica retroalimentar entre os links internos das notícias, que são definidos por Luciana Mielniczuk (2003) como os que direcionam a matérias do próprio site: a matéria 1 conduz às matérias 1, 2 e 4 (Figura 1); a matéria 2 conduz à matéria 1 (Figura 2); a matéria 3 conduz às

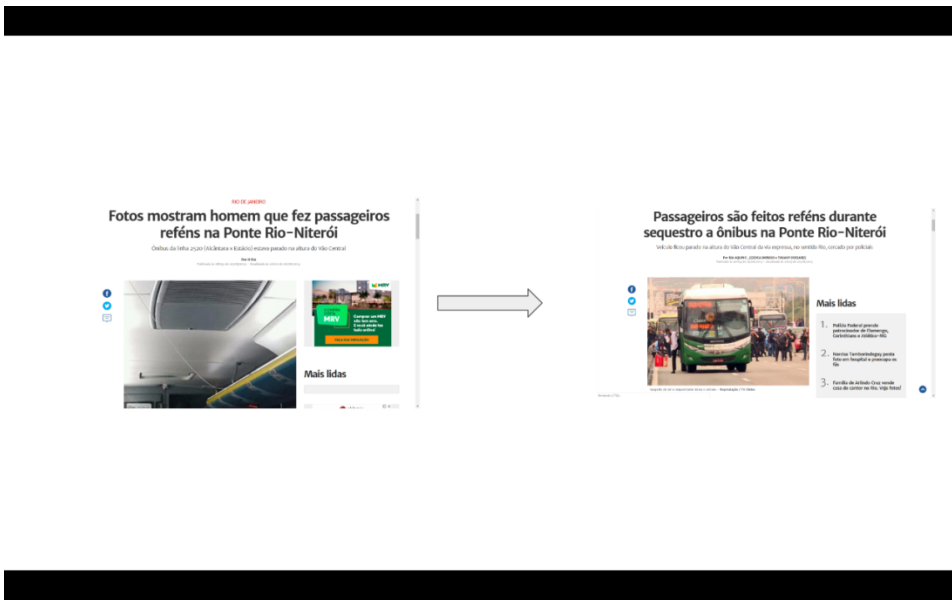
matérias 1, 2 e 5 (Figura 3); a matéria 4 conduz às matérias 1 e 3 (Figura 4); e, por fim, a matéria 5 conduz às matérias 3 e 4 (Figura 5).

Figura 1 – Destinos dos links internos à matéria 1



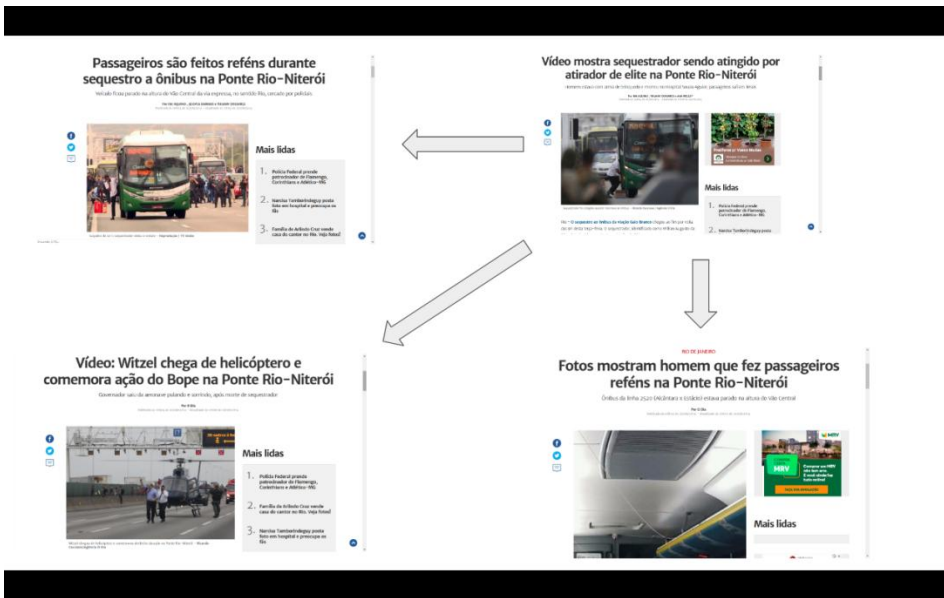
Fonte: Elaboração própria, em 2020

Figura 2 – Destino do link interno à matéria 2



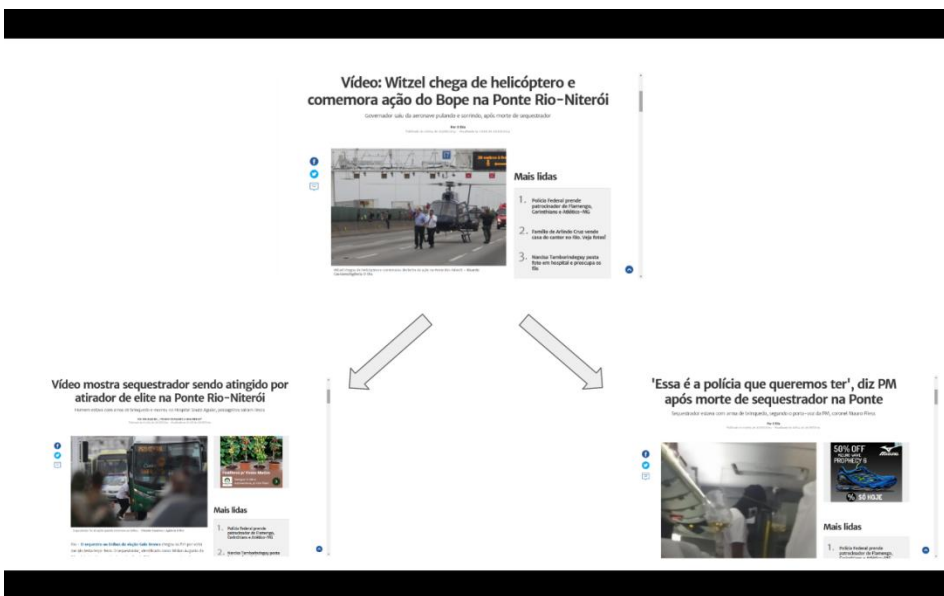
Fonte: Elaboração própria, em 2020

Figura 3 – Destinos dos links internos à matéria 3



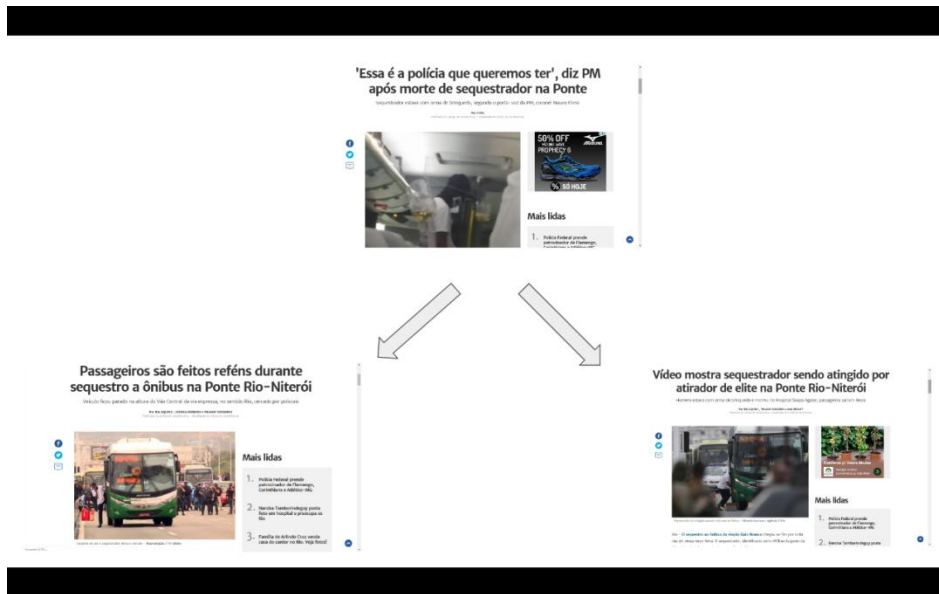
Fonte: Elaboração própria, em 2020

Figura 4 – Destinos dos links internos à matéria 4



Fonte: Elaboração própria, em 2020

Figura 5 – Destinos dos links internos à matéria 5



Fonte: Elaboração própria, em 2020

Além de serem postas em destaque na cobertura por meio da hipertextualidade, essas notícias também são as que possuem o uso mais intenso da multimídia, característica definida por Ramón Salaverría (2014) como qualquer mensagem que combina dois ou mais suportes linguísticos. Os textos, muito baseados em descrições e evocações de sensações, são complementados por fotografias profissionais e amadoras, inclusive capturadas pelos reféns no momento do sequestro, e vídeos amadores, que mostram o trânsito interditado e as pessoas retornando a pé para Niterói, a caminho das Barcas (única alternativa de acesso ao município do Rio de Janeiro naquele momento). Esses elementos são articulados na primeira matéria, que oferece informações sobre os vários momentos do sequestro, mas relata o acontecimento com ênfase no impacto deste na vida dos passageiros do ônibus, como já sugere a manchete “Passageiros são feitos reféns durante sequestro a ônibus na Ponte Rio-Niterói”, e também o lide:

*Passageiros que estavam em um ônibus da viação Galo Branco foram mantidos reféns por um homem armado, na manhã desta terça-feira, na Ponte Rio-Niterói. O veículo ficou parado na altura do Vão Central no sentido Rio da via expressa. O sequestro foi de cerca das 5h30 até por volta das 9h, após o criminoso ser atingido por um atirador de elite da PM. (Destaque nosso)*

Com o uso da voz passiva em ambos os trechos, o narrador introduz os passageiros a partir de sua condição vitimada, que remonta à representação do povo nas páginas do jornal *O Dia* em suas primeiras décadas, uma condição subjugada ao poder de um “homem armado” – expressão central para a identificação do sequestrador nesta notícia, mas também para o tom dramático assumido pelo narrador. Ao longo do texto, predomina o discurso direto, como nos trechos “A última a deixar o ônibus saiu passando mal e precisou de atendimento médico” e “Em um dos momentos do sequestro foi possível ver o homem abrindo a porta do ônibus e jogando um material inflamável em direção aos agentes.”, que figuram um narrador que não só é testemunha ocular, mas que volta os olhos ao sofrimento e ao perigo impostos à vida dos reféns e dos agentes.

Este olhar atento ao drama individual, característico do jornalismo popular, se dilata para as vítimas indiretas do sequestro, as pessoas que foram prejudicadas pela interdição, cujo sofrimento é personalizado no caso de uma moradora de Arraial do Cabo que foi impedida de chegar ao Hospital dos Servidores, no Rio de Janeiro, onde faria, às 07h30, uma intervenção cirúrgica para a remoção de um “tumor na cabeça”. A dramatização do sofrimento é intensificada com sua fala, que fecha a matéria em discurso direto:

"Tenho até medo de vir para o Rio, porque além de eu ser hipertensa, daqui a pouco sei que não vou tá aguentando nem ficar em pé", ela disse. "Chegou no Rio já fico tensa. Já chego muito abalada. Tô aqui tentando controlar o meu organismo para não ficar ligada nisso".

Os agentes possuem presença significativa na terceira publicação da cobertura, que, assim como a primeira, oferece informações completas sobre o evento, mas também confere um enquadramento à narração: enfoca o ponto nevrálgico do sequestro, que culminou na morte do sequestrador, como prevê o lide:

*O sequestro ao ônibus da viação Galo Branco chegou ao fim por volta das 9h desta terça-feira. O sequestrador, identificado como Willian Augusto da Silva, foi atingido por atiradores de elite da PM que estavam em cima de um caminhão do Corpo de Bombeiros. O homem foi baleado em um momento em que deixou o veículo da linha 2520 (Alcântara x Estácio). Foram feitos pelo menos sete disparos. Nenhuma vítima ficou ferida. (Destaque nosso)*

Nesta matéria, cuja foto principal mostra o sequestrador indo ao chão após ser alvejado, o narrador percorre os detalhes da ação policial, mas tem como foco a



morte do sequestrador. Este momento é impregnado de tensão, cuja construção é operada com auxílio de elementos audiovisuais, entre eles um vídeo que oferece ao usuário o instante da morte (Figura 6), e um áudio que intensifica esta ambientação (Figura 7).

**Figura 6** – Trecho da matéria que dá ênfase ao vídeo com a morte do sequestrador

Imagens da Record TV mostram o momento em que o sequestrador foi atingido pelos disparos, do lado de fora do ônibus. Ele estava com uma balaclava e com uma das mãos no bolso, jogou um casaco em direção aos policiais, quando foi baleado e caiu em direção à escada do veículo.



**Fonte:** Captura de tela realizada pelos autores, em 2019

**Figura 7** – Trecho da matéria com *player* do áudio em que se ouve os disparos

**O DIA** captou o momento em que os tiros foram disparados contra o criminoso. Os disparos foram feitos durante uma entrevista da reportagem, que estava no local; **ouça!**



**Fonte:** Captura de tela realizada pelos autores, em 2019.

Com o áudio, além das personagens diretamente atuantes no sequestro, a

situação narrada passa a envolver também a multidão e uma jornalista, que se torna personagem da estória ao protagonizar a situação capturada no áudio. Enquanto entrevistava uma fonte, a jornalista é surpreendida pelos disparos que abatem o sequestrador, o que a provoca uma reação espontânea: ela grita “Pegou!”, que se transforma em uma repetição coletiva entre os presentes. Ao integrar este áudio na narrativa, o narrador abre mão do ideal da objetividade, pois, além de caracterizar a jornalista envolvida na cobertura como uma personagem, também torna público um instante em que é tomada pelo sentimento de satisfação que contagia a multidão.

Este sentimento contribui para a consagração dos agentes como heróis da narrativa. Responsáveis pelo restabelecimento da “coesão social” (SERRA, 1986, p. 46), os policiais são os únicos personagens, além do sequestrador, dotados da capacidade de interferir no rumo da estória, uma autonomia que Serra considerou ser, em sua análise discursiva do *O Dia*, a única capaz de suprimir a dos “marginais”.

Na quinta matéria, o status heroico da PM é reforçado com um texto construído, basicamente, a partir das falas do governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, que protagonizou uma cena triunfalista ao ir de helicóptero até o local para comemorar o resultado da operação. Esta cena é representada com uma fotografia, que abre a matéria, e com um vídeo, a partir do qual é possível ver, também, pessoas aos brados, parabenizando o governador, como se encarassem o desfecho do sequestro como um fruto de sua gestão, alvo de críticas e polêmicas. Com um relato que reúne elogios do governador aos policiais, esta notícia é concluída com sua fala, que interpreta o sequestro como um exemplo da necessidade de atiradores de elite em operações diversas:

"Muitas vezes a população não entende o trabalho da polícia, que tem que ser dessa forma. Se não tivesse *abatido o criminoso*, muita gente poderia ter morrido. Isso está acontecendo nas comunidades. *Se a polícia puder fazer o trabalho dela de abater quem tiver de fuzil*, muitas vítimas serão poupadas", concluiu. (Destaque nosso)

Nesta notícia, o narrador investe o governador da função de adjuvante, aquele que ajuda o protagonista (MOTTA, 2013), pois, com seu apoio, os policiais poderiam fazer todo o possível para “abater” o criminoso. Se olharmos para este enredo à luz de Motta (2013), podemos interpretá-lo como o conflito principal, dado

que as 51 publicações não se resumem ao sequestro, mas só se desenrolam a partir dele, cuja narração distribui as personagens através de relações de disputa que, no caso da estética melodramática, estruturante nesta narrativa, se caracteriza pelo maniqueísmo, que esvazia as personagens de ambiguidade e as polariza.

O sequestrador é narrado como um agressor que provoca o conflito com intenções maléficas, como mostra a fala do coronel da PM na matéria 1: “Foi algo premeditado. Ou seja, ele tinha instrumentos para fazer coquetel *molotov*, para imobilizar as vítimas.” O porte de instrumentos perigosos acentua sua função de vilão e, também, a impotência dos reféns. Dessa forma, a única salvação para as vítimas é a PM. Com o reestabelecimento da ordem em uma realidade representada como potencialmente desviante, irrompe a supremacia do Estado e de seus representantes como detentores da solução para os problemas que assolam a sociedade, envolvida num “meio *criminogênico*” (SERRA, 1986, p. 36), consideração que nos põe diante de mais um paralelo entre “os jornais” *O Dia* de ontem e de hoje, e nos faz vislumbrar a permanência de uma tradição, a do jornalismo popular, que não se mostra intacta, mas que continua presente e operante.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o artigo não tenha a pretensão de explicar minuciosamente a totalidade da narrativa tecida com a cobertura do sequestro, o *corpus* ao qual nos limitamos alçou dados significativos para uma reflexão sobre os processos de construção narrativa levados a cabo pelo jornal *O Dia* em seu website. Partimos do pressuposto que, enquanto produto de um jornal popular, o site do *O Dia* articularia os recursos do webjornalismo para o fim previsto pelos estudiosos desse segmento: a aproximação com o leitor. Nesse sentido, os usos da hipertextualidade e da multimídia demonstraram corroborar para esse fim, pois, através deles, a mediação entre o mundo do jornal e o mundo do leitor fica cristalizada na superfície do texto, onde podemos inferir uma construção narrativa operada por múltiplos sujeitos, que deixam marcas de participação em vários momentos – por exemplo,

com os hiperlinks, no caso do narrador, e com fotos e vídeos amadores, capturados por jornalistas e leitores.

O uso da hipertextualidade também revelou a orientação editorial do *O Dia*, que circula entre os aspectos de interesse público e de interesse humano. Na cadeia hipertextual analisada, modela-se um itinerário de leitura. Nele, o coletivo vê-se representado nas informações que abrangem a amplitude dos problemas, como eles prejudicaram a cidade em uma escala maior; mas, o destaque continua ocupado pelo popular, que se vê representado na conversão desses problemas em dramas individuais, cuja tônica é a impotência, o perigo e o sofrimento. Dessa forma, observa-se a permanência de algumas matrizes culturais convencionais ao jornalismo popular, expressas, principalmente, na esquematização melodramática do sequestro, e na ênfase dada às imagens e às sensações que evocam.

Em razão do valor moral atribuído à suas ações, as personagens são distribuídas entre boas e más, virtualmente merecedores da vitória ou merecedores da punição, uma lógica que nos leva ao jornal *O Dia* dos anos 70, analisado por Antonio A. Serra. Com isso, podemos concluir, com os vários paralelos estabelecidos ao longo da análise, que o site não só utiliza os recursos dispostos no ambiente *web* orientando-se pela matriz dramática, como também flerta com narrativas e discursos observados ao longo de sua trajetória enquanto veículo noticioso de matriz popular. Logo, isso nos indica que há na atividade jornalística um *continuum* que persiste mesmo em meio aos processos de expansão e transposição do produto para outros meios, o que não nos permite afirmar que a prática se mantenha intacta às transformações históricas. Pelo contrário, o panorama apresentado nos deixa uma série de interrogações que não se restringem ao *O Dia*, mas que exigem uma avaliação mais ampla do jornalismo popular em seu estado atual, tanto em seu âmbito social, que nos coloca defronte a uma audiência real que ainda não teve seu perfil traçado, como foi feito nos anos 2000 – período de maior efervescência para os estudos desse segmento –, e em seu âmbito cultural, que nos leva a explorar mais detidamente as várias camadas da narrativa jornalística e a relação com outras formações discursivas em sua construção, levando em conta o que se expressa explicitamente na superfície do texto, e o que o atravessa,

reverberando vozes não marcadas, mas que são recuperáveis por um engajamento analítico aliado a um suporte teórico transdisciplinar.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

AQUINO, Rai, et al. Passageiros são feitos reféns durante sequestro a ônibus na Ponte Rio-Niterói. **O Dia**, [S.l.: s.n.], 20/08/19. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/08/5673954-passageiros-sao-feitos-refens-durante-sequestro-a-onibus-na-ponte-rio-niteroi.html>. Acesso em 14/05/20.

AQUINO, Rai, et al. Vídeo mostra sequestrador sendo atingido por atirador de elite na Ponte Rio-Niterói. **O Dia**, [S.l.: s.n.], 20/08/19. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/08/5673962-sequestro-a-onibus-na-ponte-rio-niteroi-chega-ao-fim-depois-de-mais-de-3h.html>. Acesso em 14/05/20.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa Brasil-1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

\_\_\_\_\_; ENNE, Ana Lúcia. O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional. **Revista ECO-Pós**, v. 8, n. 2, 2005.

BRANDÃO, Luiz E. O DIA: A volta por cima de um diário popular. Case Studies. **Revista Brasileira de Management**, Rio de Janeiro, v. 1-3, p. 50-56, 28, jun. 1997.

CANAVILHAS, João, et al. **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Livros LabCom: Covilhã, 2014.

DIAS, Ana Rosa F. **O discurso da violência** - as marcas da oralidade no jornalismo popular. São Paulo, EDUC/Cortez, 1996.

DOS SANTOS, Diana A. B. AGNER, Luiz. Arquitetura de informação e convergência jornalística: Estudo da taxonomia do jornal online “O Dia”. **Revista Ergodesign & HCI**, n.1, vol. 4, ano 4. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

“ESSA é a polícia que queremos ter”, diz PM após morte de sequestrador na Ponte. **O Dia**, [S.l.: s.n.], 20/08/19. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/08/5673971--essa-e-a-policia-que-queremos-ter---diz-pm-apos-morte-de-sequestrador-na-ponte.html>. Acesso em: 14/05/20.

FOTOS mostram homem que fez passageiros reféns na Ponte Rio-Niterói. **O DIA**, [S.l.: s.n.], 20/08/19. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/08/5673956-fotos-mostram-homem-que-fez-passageiros-refens-na-ponte-rio-niteroi.html>. Acesso em: 14/05/20.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual, 2003. Tese de Doutorado. UFBA, Faculdade de Comunicação, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Culturas Contemporânea. Bahia.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Editora UnB, 2013.

\_\_\_\_\_. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. In: **E-Compós**. 2004.

REIS, Marco Aurelio. **O subúrbio feito letra**: o cotidiano da periferia em crônicas ácidas e carnavalizadas. 2015. Tese de Doutorado. UFRJ, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_; THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. Um olhar sobre o papel do WhatsApp nas redações dos principais jornais do Rio. **Comunicação & Informação**, v. 20, n. 2, p. 95-112, 2017.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa I**. Campinas: Papyrus 1994.

SERRA, Antonio A. **O desvio nosso de cada dia**: a representação do cotidiano num jornal popular. Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora, 1986.

VILLALOBOS, Francisco Cruces. Matrices culturales: pluralidad, emoción y reconocimiento. **Revista anthropos**: Huellas del conocimiento, n. 219, p. 173-179, 2008.

WITZEL chega de helicóptero e comemora ação do Bope na Ponte Rio-Niterói (Vídeo). **O Dia**, [S.l.: s.n.], 20/08/19. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/08/5673980-video--witzel-chega-de-helicoptero-e-comemora-acao-do-bope-na-ponte-rio-niteroi.html#foto=1>. Acesso em: 14/05/20.